

Objecto Literário (não) Identificado: a Recepção da Ficção Científica no suplemento “Artes & Letras” nos anos 1955 a 1965”¹

José Duarte

Ceaul – Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

“There is no real objection in the right places... We all want to escape occasionally. But science fiction is often very far from escapism, in fact we might say that science fiction is escape into reality....It is a fiction which does concern itself with real issues: the origin of man; the future. In fact I can't think of any form of literature which is more concerned with real issues, reality.” - Arthur C. Clarke

1. Introdução

O projecto intitulado “Objecto Literário (não) Identificado: a recepção da Ficção Científica em Portugal no suplemento “Artes & Letras” nos anos 1955 a 1965” nasce a partir de uma investigação dos bolseiros do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (Ceaul) coordenada pelo Sr. Professor Doutor João Almeida Flor sendo que o presente artigo é o produto final dessa investigação. Seguindo outros projectos feitos por outros bolseiros, o presente trabalho pretende, como os anteriores, dar uma pequena contribuição para os estudos de recepção em Portugal, nomeadamente a recepção da literatura anglo-americana a nível nacional. O suplemento “Artes & Letras” do jornal Diário de Notícias constituiu o objecto de estudo adoptado. Foi feita pesquisa relativa aos anos de 1955-1965 na tentativa de encontrar informações relevantes sobre a entrada da literatura anglo-saxónica no nosso país: artigos, resenhas, publicidade, entre outros.

Ao longo da pesquisa feita o trabalho começou a ter um carácter mais pessoal e menos colectivo, uma vez que cada um dos bolseiros escolheu um tema a desenvolver. É por isso que este artigo pretende, tendo consciência de ser apenas uma pequena contribuição, entender a recepção da Ficção Científica (FC) em Portugal tendo como base a pesquisa feita. Consciente de que esta é uma forma de literatura que contém em si vários universos para explorar e que seria impossível escrever sobre todos, a vontade de contribuir para o seu estudo, provem, num primeiro momento, de três artigos que foram encontrados durante a pesquisa, nomeadamente “Um Adeus a Huxley” de Romeu de Melo (1963); “A inevitabilidade da Ficção Científica a propósito de *A Nuvem Negra* de Fred Hoyle” de Artur Portela Filho (1964) e “Ficção Científica uma literatura do futuro” por Mário

¹ O autor quer agradecer toda a colaboração prestada por Prof. Doutora Adelaide Meira Serras, Prof. Doutora Angélica Varandas e Prof. Doutora Salomé Machado sem a qual este artigo não seria possível.

Henrique Leiria (1961).

Acrescente-se ainda o facto de que, em relação ao projecto em causa, pouco ou nada existe relativamente a este registo literário. São poucos os estudos relativos à FC ou à sua tradução em Portugal. Da pesquisa feita relativamente a FC existem alguns estudos relevantes, embora sejam sobre autores específicos. O primeiro data de 1942 e é uma obra de Énio Ramalho intitulada *Aldous Huxley: o intelectual perante os homens e a vida* publicada pela Coimbra Editores. O segundo é uma Dissertação de Licenciatura sobre o mesmo autor de Joaquim Monteiro Grilo e que se intitula *Aldous Huxley: some aspects of his novels* com data de 1943. Surge ainda, em 1960, uma obra intitulada *H. G. Wells, precursor da ficção científica* de Maria de La Salette Almeida e Meneses editada pela Coimbra Editores. Existem também dois artigos de relevância (igualmente sobre um escritor em específico) elaborados por José Manuel Mota, Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. São eles: “H. G. Wells e Portugal: Encontros e desencontros”, comunicação feita no “1º Encontro Literário de Fantasia e Ficção Científica”, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em Maio de 2004 e “News from Nowhere: Portuguese Dialogues with H. G. Wells” em 2005 e que consta do volume *The Reception of H. G. Wells in Europe*. Um outro estudo relevante, dado que se trata da recepção da FC em Portugal, refere-se a Philip K. Dick, sendo uma Dissertação de Mestrado de Dora Margarida Simões Oliveira Dinis datada de 2005 e intitulada *A Recepção da Ficção Científica em Portugal: o caso de Philip Kindred Dick*. Contudo, esta ainda é uma área que não é muito estudada a nível da academia. Para além disso, a FC parece não ter grande visibilidade em Portugal e são poucos aqueles que a estudam. Note-se, no entanto, que em relação à FC escrita na Língua Portuguesa já vêm surgindo alguns estudiosos, embora ainda seja algo muito recente, não deixando de ser um caso curioso. Podem apontar-se nomes como o de Teresa Sousa de Almeida, Luís Filipe Silva ou Jorge Candeias, entre outros. Isto acontece, principalmente, porque Portugal não tem uma tradição literária deste registo.

Assim sendo, tendo como base principal os três artigos resultantes da pesquisa, o trabalho procura desenvolver um pequeno estudo que, por um lado, analise uma ficção que, tendencialmente, tem sido colocada em segundo plano e que, por outro, procure entender a recepção deste registo literário em Portugal não só nos anos a que a investigação se reporta, mas também sempre que tenha aparecido algo de relevante para o estudo em causa.

Por conformidade, o trabalho divide-se em quatro pontos: em primeiro lugar procurar-se-á estabelecer uma breve nota sobre o termo FC que, sendo de difícil definição, será apresentado tendo em conta as suas características. Também se mostra um pouco da perspectiva histórica e do seu surgimento. O segundo ponto intitulado “Contexto da recepção de obras de FC Anglo-Americana” divide-se em duas breves alíneas: a primeira procura entender a situação editorial da época, quais as principais colecções e editoras que publicavam FC e quais eram os autores publicados. A segunda

trata, especificamente, dos três artigos encontrados no suplemento literário. O terceiro ponto, trata da divulgação radiofónica da FC, especificamente do caso de Matos Maia que, ao jeito de Orson Welles, resolveu “encenar” *The War of the Worlds* (1938) como *A Invasão dos Marcianos* (1958) na Rádio Renascença. Finalmente, o quarto e último ponto, pretende elaborar uma pequena nota de conclusão, tocando na FC portuguesa.

2. Breves notas sobre Ficção Científica

Definir FC tem sido um dos grandes problemas de quem estuda e até, nalguns casos, trabalha este registo. Como existem várias perspectivas relativamente àquilo que, hoje em dia, se designa como Ficção Científica, é difícil perceber se algum dia chegaremos a uma definição inequívoca. Em muito contribui o facto da forma se encontrar noutros estilos literários, contendo em si uma permeabilidade que se define como uma grande rede contextual. Contem igualmente conhecimentos interdisciplinares, principalmente porque as palavras “ficção” e “ciência” sempre foram olhadas como opostas durante grande parte do séc. XX.

A expressão “science fiction” surge na primeira metade dos anos 20 quando se tentava arranjar um termo que definisse uma literatura que estava a emergir principalmente na esfera popular. Tal como Roger Luckhurst refere no seu livro *Science Fiction* (2005), o nome passou por muitas transformações até chegar ao termo que conhecemos hoje em dia²:

The name underwent many transformations as the popular fictions magazines of the early twentieth century attempted to fix a stable term, and thus a stable readership, in a precarious industry. Descriptions like ‘different’, ‘off trail’, ‘pseudo-scientific’ or ‘weird science’ were used

(Luckhurst 15)

Hugo Gernsback, emigrante do Luxemburgo nos E.U.A., foi quem usou a designação “scientific fiction” pela primeira vez em 1922 e em 1924 propôs a contracção “scientifiction” e, mais tarde, em 1929, “science fiction”³. No fim dos anos 30 o termo já estava mais do que estabelecido. Foi bastante usado nos editoriais da revista *Amazing Stories* e também na sua revista *Science Wonder Stories* onde já usava o termo que conhecemos hoje⁴. Tal como ele refere, era importante publicar

² Quanto ao surgimento do termo existe ainda quem defenda que terá aparecido em 1851 pela mão do poeta William Wilson num tratado em que defendia a poesia da ciência, tal como refere Brian Stableford em *Opening Minds: Essays on Fantastic Literature*. [U.S.A: I. O. Evans Studies in the Philosophy & Criticism of Literature, 15-23, 1975] 1995. No entanto, a leitura proposta não envolve esta referência, centrando-se mais na referência que surge dos anos 20, pelo que, deixa em aberto esta possibilidade de investigação. Cf. B. Stableford, “William Wilson’s Prospectus for Science Fiction: 1851”, *Foundation*, 10, 6-12, 1976.

³ Só nos anos 50 é que se começa a usar a sigla “SF”.

⁴ Uma nota importante a considerar é que, antes de se publicarem em livro, muitas histórias eram publicadas em *pulps*, revistas com uma qualidade de papel bastante fraco de forma a que a edição se tornasse mais acessível

obras como as de Edgar Allan Poe ou H. G. Wells, porque eram romances encantadores aos quais se juntava uma visão profética e factos científicos. No entanto, o surgimento do termo não implica que o registo literário tenha aparecido. A FC surge antes deste termo ter sido cunhado por Hugo Gernsback. Este registo literário, tal como outros, possui características muito próprias e, neste caso, o que faz existir a FC enquanto forma literária é aquilo que assume uma posição central no texto: a ciência.

Encontrar um tempo e um espaço para a FC torna-se também particularmente difícil, uma vez que depende do tipo de aproximação que se faz a ela. Obras como *New Atlantis* (1610) de Francis Bacon ou *Histoire comique des états et empires de la lune* (1657) de Cyrano de Bergerac, *Gulliver's Travels* (1727) de Swift podem ser todas consideradas obras de FC, pois todas elas possuem características daquilo que é hoje conhecido como Ficção Científica⁵. Penso, no entanto, que, embora obedecendo a uma certa evolução na ciência e nos conhecimentos, estas obras anunciam, até certo ponto, a vinda da FC. São chamadas as *proto-science fictions*, obras escritas antes do grande *boom* da FC enquanto registo literário e que contêm elementos relacionados com a ficção científica. Seria assim, por isso, difícil considerar algumas obras como sendo pura FC, uma vez que teríamos que começar muitos séculos antes da data que apresento em seguida. A FC, tal como argumenta Roger Luckhurst (2005), é uma ficção que emerge relativamente tarde na modernidade:

For me, SF is a literature of technologically saturated societies. A genre that can therefore emerge only relatively late in modernity, it is a popular literature that concerns the impact of Mechanism (to use the older term for technology) on cultural life and human subjectivity. Mechanized modernity begins to accelerate the speed of change and visibly transform the rhythms of everyday life. The different experience of time associated with modernity orients perceptions towards the future rather than the past or cyclical sense of time ascribed to traditional societies. SF texts imagine futures or parallel worlds premised on the perpetual change associated with modernity, often by extending or extrapolating aspects of modernism from the contemporary world. In doing so, SF texts capture the fleeting fantasies thrown up in the swirl of modernity (Luckhurst 3)

Segundo ele, tudo começa com a era do Mecânico. Este tipo de ficção surge quando as descobertas a nível científico aumentam. Mais do que uma obra que dê início à FC, devemos pensar numa época que permita o aparecimento deste tipo de ficção⁶. Esta nova era a que o autor se refere é cerca de 1840, altura em que as condições para a evolução da FC eram ideais: as fábricas, os

economicamente. São estas as sucessoras das famosas “dime novels” e que deram uma grande visibilidade ao fenómeno da FC.

⁵ O título inglês é *The Other World: The Comical History of the States and Empires of the Moon* e foi traduzido por Richard Aldington em 1923.

⁶ Muitos consideram que a obra que origina a FC é *Frankenstein* (1801) de Mary Shelley que explora por completo o tema da ciência juntamente com ficção.

caminhos-de-ferro, a evolução das comunicações e o aumento de zonas industriais. A apoteose da FC chega com o final do séc. XIX em que a própria vida já era composta por máquinas, a vida era ciência, isto é, a experiência de cada dia era veiculada por máquinas ou por processos mecânicos: os espaços públicos e privados eram culturalmente baseados na nova tecnologia. Para além disso, houve um aumento acentuado da literacia devido às novas formas de impressão e divulgação literária, bem como uma maior confiança na ciência ou o surgimento de profissões ligadas à área. Era apenas uma questão de tempo até surgir uma literatura que espelhasse a realidade corrente.

Outros críticos poderão argumentar que a FC surgiu numa outra altura. Contudo, é inegável que este registo literário surge com a evolução da ciência e que, não só analisa as possibilidades que ela nos pode trazer, como também tem em conta um certo perigo que ela acarreta. Esta é, portanto, uma das grandes características da FC. Esta forma conjuga os mais variados temas. Existem, por exemplo, romances que tratam de sociedades alternativas ou de temas como o sexo e o género.

Há obras que falam de encontros com seres de outro mundo ou viagens espaciais, histórias com realidades alternativas ou os universos paralelos, por exemplo. De entre estes temas, alguns podem ser considerados *Hard Science Fiction* (caracterizados pela descrição científica pormenorizada) ou a *Soft Science Fiction* (romances que têm uma maior tendência para a filosofia e psicologia), ou ainda outros em que as características se misturam. O que também não se pode ignorar é que a produção e visibilidade da FC foi aumentando muito ao longo dos anos. Muito se deve, em parte, a momentos-chave da história da humanidade, como por exemplo, a II Guerra Mundial (1939-1945), a Guerra Fria (1948-1989) ou a procura pela conquista do espaço (1957). A evolução tecnológica permitiu ao homem um poder nunca dantes imaginado, como por exemplo o uso da bomba atómica, fazendo com que as consciências despertassem para um outro lado da ciência ou para hipóteses científicas “absurdas” que, embora se conhecessem, ainda não tinha sido comprovadas. A FC era a ficção que também olhava para este lado da ciência. Como, aliás, bem o salienta Bertrand Russel em *The Impact of Science on Society* (1952).

Para além disto, a popularidade da FC ao longo dos tempos, também se deve ao cinema, com filmes como *Metropolis* (1927) de Fritz Lang ou outras obras como o grande fenómeno de *Star Wars* (1977). No fundo, a FC apresenta-se como a ficção que anuncia as (im)possibilidades de realidades ora baseadas na evolução, ora como construtora de alternativas e, pelo facto, de não ter barreiras e de ser uma literatura de constante actualização só mostra a sua vitalidade enquanto registo literário. Daí a dificuldade em defini-lo. Quer se goste ou não, é uma literatura que já se impôs e que, de certa maneira, tenta renovar as tradições do princípio da humanidade adaptadas às exigências tecnológicas de hoje.

É uma ficção que tem acompanhado sempre a condição humana no seu maior desafio e inquietação: satisfazer a curiosidade sem que a humanidade seja ultrapassada pela sua própria

criação. É por isso que, talvez a melhor definição de FC, das inúmeras que existem, radique na de Tom Shippey, que em *The SF Book of Lists*, remete para uma que está de acordo com o argumento aqui apresentado, referindo que “Science Fiction is hard to define because it is the literature of change and it changes while you are trying to define it.” (Shippey 258).

3. Contexto da Recepção de obras de FC Anglo-Americana

3.1. Situação Editorial da Época

Em Portugal as traduções existentes de FC, uma vez que nem todos conseguiam ler as obras no original, eram colocadas em colecções específicas que, no entanto, não deixaram de desempenhar um papel importante na tentativa de divulgação desta forma de ficção. Foi através destas colecções que a FC começou a ganhar alguma visibilidade a nível nacional. A tradução das obras tem o seu auge em publicações que surgem nos anos 50 do séc. XX. Antes dos anos 50 existem algumas obras traduzidas, mas que não se encontram datadas.

As editoras tinham duas posições relativamente à FC durante os anos 50, tal como refere Luís Filipe Silva: importa-se FC dos países anglo-americanos, onde este tipo de literatura tem mais popularidade e, ao mesmo tempo, as editoras tentam publicar o que existe em português de forma a conseguirem algum reconhecimento a nível da academia do seu próprio país. Para além disso, Portugal omite uma fase importante da FC, as revistas *pulps*, começando a publicar directamente romances sob o formato de livro⁷. Muitas destas editoras foram publicando imensos romances ao longo dos anos, mas nunca tiveram propriamente grande visibilidade. Assim, mais do que traçar uma história da tradução de FC em Portugal limito-me a enumerar as colecções de maior importância, a considerar algumas características relativamente às edições e a fazer referência a casos mais específicos.

Quase todas as editoras publicavam, maioritariamente, obras Anglo-Americanas, principalmente a colecção “Argonauta”. Esta é talvez a colecção mais antiga a publicar romances de FC, começando nos anos 50. É uma colecção que pertence à Editora Livros do Brasil e de referência no panorama da FC, com mais de cinco décadas de livros publicados, um por mês. Contudo está parada há algum tempo pois a publicação deste tipo de romances foi abrandando, tal como refere Eduarda de Sousa em “O Grande Sono da Ficção Científica”: “Na década de 60, as tiragens dos livros da Argonauta rondavam os 20 mil exemplares. As últimas edições não ultrapassam as 5 mil unidades.” (Sousa 1). A colecção “Argonauta” é uma edição de bolso, a preço reduzido, e tem publicado grandes autores como Asimov, H. G. Wells ou Frank Herbert. Alguns dos seus tradutores mais conhecidos são: Eurico Fonseca (que se destacou por ampla margem): 165

⁷ Cf. Nota 4.

livros traduzidos, Mário Henrique Leiria: 34, Maria Emília Ferros Moura: 13 e Fernando de Castro Ferro: 10.

Outra editora bastante importante é a Europa-América que, em termos de edição, foi considerada como tendo grande qualidade. Ao longo do tempo foi publicando obras e autores importantes, criando até uma outra colecção, a “Nébula”, que se caracteriza por ter edições um pouco mais luxuosas, com uma maior qualidade gráfica. São, porém, erráticas. É também uma das poucas editoras que publica autores portugueses. O facto de, recentemente, começarem a editar “novelizações” (romance feito a partir do argumento do filme) fez com que a editora perdesse alguma cotação. Uma outra editora, que possui a colecção “Caminho de Bolso”, pertence à Editorial Caminho, dirigida por Belmiro Guimarães, publicando alguns nomes importantes e sendo a responsável pela grande divulgação da FC escrita em português. Nesta colecção, apenas os números ímpares são publicação de carácter científico, pois os números pares consistem em romances de aventura ou policiais. A colecção publicou o último livro em 2001.

A nível de antologias de FC, a primeira sobre o tema foi coordenada por Victor Palla e chamava-se *O que é a Ficção Científica? Uma Antologia*. Para além de compilar os grandes autores de FC da época, como Asimov, Efremov ou Arthur C. Clarke, faz referência directa à ficção científica. Foi editada pela Editora Atlântida, de Coimbra, em 1959, e tem uma introdução onde se tenta explicar o que é a Ficção Científica, um registo “que pela necessidade de empregar os nomes de objectos e fenómenos não usuais, utiliza uma terminologia própria, cuja estranheza o aficionado já não nota, mas que poderá desorientar o iniciando.” (Palla X). Também se ocupa da diferença desta relativamente a outras formas literárias ditas menores como o romance de aventura ou o policial.

Nessa introdução Victor Palla refere que o romance de polícias é diferente da FC, porque os seus métodos e receios sobre a condição humana são diferentes:

Ao romance de polícias e ladrões tanto se lhe deu que a Terra anda à volta do Sol, que se lancem satélites artificiais ou bombas atómicas. A “ficção científica” faz de tudo isso (e de muito mais) o seu pão de cada dia (Palla VIII).

Mais, o coordenador tenta ainda dar uma definição de FC em jeito de conclusão, já no fim do volume: “Eis portanto o que é a “ficção científica”. Se necessária uma definição, podemos arriscar esta: “narrativa baseada deliberadamente na especulação romanesca sobre as consequências principais ou acessórias duma ou várias hipóteses científicas prováveis ou não” (Palla 327). Esta antologia caracterizava-se por contos com uma terminologia bastante científica e com temas muito específicos (*Hard Science Fiction*), contendo até alguns autores russos, como o caso acima citado de Efremov.

Apesar de tudo, a produção de traduções de FC em Portugal foi feita em elevado número, mas colocada em edições de pequeno porte e com pouca visibilidade em termos promocionais, algo que se pode confirmar, por exemplo, na pesquisa feita no suplemento “Artes & Letras” do Diário de Notícias⁸. A publicidade encontrada é muito pouca. Ainda hoje, os títulos que têm mais sucesso são aqueles que são adaptados ao cinema. Neste caso o livro é adquirido pelos leitores porque o filme teve um impacto bastante grande. Se era pelo facto, como refere Palla, de ser uma ficção com uma terminologia demasiado complicada, se pela fraca divulgação, ou pelas más edições, ou pela FC em Portugal estar reservada a um pequeno grupo de pessoas que, acima de tudo, cultivava aquele estilo, ela parece não representar um grande peso nos volumes publicados em geral e, acima de tudo, não se tornou num produto de mercado rentável, excepto nalguns casos.

Contudo, estas colecções, tal como refere Luís Filipe Silva em “FC em Portugal: Breve Percorso (I)”, foram colecções que “[...] por uma razão ou por outra deixaram marca no público.” (Silva 2).

3.2. A divulgação de FC na Imprensa Portuguesa – o caso do suplemento “Arte & Letras” do jornal Diário de Notícias

Conforme referido anteriormente, a referência feita à FC na Imprensa Portuguesa era muito pouca. No entanto, para além da publicidade encontrada ao longo da pesquisa, surgem três artigos que levaram à produção do presente trabalho. O primeiro artigo refere-se ao escritor Aldous Huxley. “Um Adeus a Huxley” surge no suplemento “Artes & Letras” a 24 de Novembro de 1963 e foi escrito por Romeu de Melo, também ele organizador de alguns volumes de contos de FC onde lamenta a perda de um escritor que era bastante visionário e que os leitores “procurando-o na ficção, acabavam por encontrar-se no domínio da problemática científica e filosófica” (Melo, 1961). Segundo ele, muito se deve a obras como *Brave New World* (1932) que lançou, de certa forma, Huxley como uma das grandes figuras do seu tempo. Contudo, o artigo apresenta-se mais como um lamento pessoal de Romeu de Melo do que propriamente uma análise de Huxley. Facto curioso é o de este ser um dos poucos artigos de referência a um autor que foi tão importante e que contribuiu bastante para a evolução da ficção científica enquanto registo literário. Mesmo assim deverá considerar-se como um dos poucos artigos, juntamente com os outros dois, que, nas letras portuguesas, faz referência ao tema FC ou a escritores de FC.

Um ano depois, Artur Portela Filho encontra em Fred Hoyle e num dos seus romances mais conhecidos, *A Nuvem Negra* (1964) (*Black Cloud*, 1957) motivo para divulgação da FC através do seu artigo “A inevitabilidade da ficção científica a propósito de *A Nuvem Negra* de Fred Hoyle”. A obra constituía o número 84 da colecção “Argonauta”, bem como um outro romance que Hoyle

⁸ Alguns exemplos encontram-se no anexo 1 do artigo.

escreveu *Ameaça de Andrómeda* (1962) (*A for Andromeda*, 1961), número 89 da colecção. A sua ficção espelha a sua formação científica e também algumas teorias que tinha receio de tornar públicas segundo um ponto de vista profissional⁹. Fred Hoyle era um conhecido astrofísico e cientista.

A obra *A Nuvem Negra* relata a invasão de seres extraterrestres sob a forma de poeira interestelar. Mais uma vez um autor glosa um dos temas mais populares da FC, a invasão de seres não pertencentes ao nosso mundo. São, por norma, mais sofisticados e mais inteligentes que o ser humano (lembramos do caso de *The War of the Worlds* de H. G. Wells, publicado em 1898) e representam o encontro com o “outro” e com aquilo que é desconhecido. O referido artigo da autoria de Artur Portela Filho, datado de 26 de Março de 1964, também responsável pela tradução da obra de Hoyle através da colecção “Argonauta”¹⁰.

O artigo começa por referir a grande resistência dos leitores relativamente à FC, o que se torna bastante relevante para a compreensão da FC em Portugal. Como já foi referido, esta não era, (nem é) propriamente uma literatura que fosse comprada e lida por uma grande quantidade de pessoas. O autor do artigo coloca Hoyle ao mesmo nível de escritores como Huxley, Wells ou Orwell, devido ao tema que é explorado e pela qualidade com que Hoyle escreve. O romance ainda se torna mais importante pelo facto de os homens estarem a viver a era espacial. Este período, como todos os outros, necessita de uma nova literatura que espelhe essa realidade. É, no fundo, a defesa de Artur Portela Filho de uma (nova) literatura que se rege pela diferença, mas que, por exhibir certa característica, não deve deixar de ser lida.

O terceiro artigo, de carácter mais geral, intitulado “Ficção Científica uma literatura do futuro” escrito por Mário Henrique Leiria a 15 de Dezembro de 1961 já dava conta desta realidade acima referida. O autor do artigo, também ele escritor de FC, lamenta que não se preze uma literatura que aponte para o futuro e que assinala os dramas e os problemas do homem, colocando-o em múltiplos futuros, abrindo, assim, várias possibilidades. O artigo abre com uma crítica a uma definição de FC dada pelo dicionário Larousse, que considera esse tipo de ficção como “literatura menor” ou “de evasão”. Mário Henrique Leiria considera que a definição arrumada é insuficiente e errada. Segundo ele, a FC é a expressão para a problemática do futuro:

A sua forma de colocar o homem perante o universo, de o lançar para um cosmos de que ele, afinal, é o elemento integrante, coloca-a numa posição totalmente oposta à de toda a literatura de ficção, a qual, limitando o ser humano a um palco, em que é único actor, e a um tempo que é constante no passado ou presente, não pode libertar-se do circuito

⁹ Grande parte dos escritores de FC possuía esta característica: eram cientistas e romancistas da sua própria ciência ao mesmo tempo. É o duplo papel tal como refere Norma Levitt em *Prometheus Bedeviled: Science and the Contradictions of Contemporary Culture*, 1999.

¹⁰ Na análise dos artigos não é seguida uma ordem cronológica, mas sim a relevância do artigo para o estudo em questão.

libertado que a si mesmo impôs.

(Leiria 18).

A FC não limita as possibilidades do homem e também não as esgota, pois age como “catalizador das aspirações actuais do homem” (18). Isto também acontece porque este registo literário tem a possibilidade ilimitada de levantar e assinalar os vários problemas da humanidade, principalmente tem a capacidade de olhar para o homem prisioneiro das forças que ignorou, pois a FC assenta a sua ficção no universo que podia (e pode) vir a ser possível, um futuro que se baseia totalmente num determinante de implicações científicas. O artigo pode ser compreendido quase como uma espécie de manifesto acerca da importância da FC enquanto literatura e da sua força e dos horizontes que oferece.

Mas, tal como foi possível verificar no primeiro artigo analisado não é dada grande visibilidade à FC em Portugal. Pode dizer-se até, especialmente no caso destes artigos, que a visibilidade da FC surge pela mão de pessoas eminentemente ligadas a este registo, sendo ou escritores ou tradutores e, por isso, tendo necessidade de divulgar as obras. No caso específico do suplemento literário as referências a FC eram relativamente pequenas – alguma publicidade à colecção “Argonauta”, que se dividia entre várias formas literárias – surgindo, com maior frequência, sempre que algum dos livros eram adaptados para o grande ecrã. Contudo, não foi no grande ecrã que, em 1958, surgiu *A Invasão do Marcianos* mas sim da rádio onde, ao que parece, a repercussão foi bastante grande.

4. A divulgação radiofónica – o caso da adaptação de *The War of the Worlds* (H. G. Wells) de Orson Welles como a *Invasão dos Marcianos* de Matos Maia.

Em 1898 Herbert George Wells publicou um romance apelidado de “scientific romance”. Essa obra chamava-se *The War of the Worlds* e é um retrato de uma Inglaterra que é invadida por seres alienígenas vindos de Marte. O romance é narrado por um jornalista que vive na área onde as primeiras máquinas aterram.

Durante toda a narrativa ele testemunha uma Londres em ruínas devido ao poder de destruição das máquinas extraterrestres para, no fim da obra, descobrir que a maior ameaça foi destruída por um dos elementos mais pequenos do planeta Terra: os seres vindos de Marte foram aniquilados devido a uma bactéria contra a qual não têm protecção.

The War of the Worlds foi interpretada de várias formas. H. G. Wells é considerado, por muitos, como o “pai” da FC, juntamente com Júlio Verne, e a obra do primeiro foi analisada como uma das mais importantes de FC, tal como refere Joaquim Fernandes em “Entre Wells e Welles com Marte pelo meio”:

A sua obra mais popular, “A Guerra dos mundos” ficou a marcar um modelo standard de ciência-ficção que resiste no imaginário colectivo e na cultura popular, logo feito mito auto-reproduzido por gerações de ficcionistas e criadores, da Literatura ao Cinema, Rádio e outros media, incluindo a Publicidade.

(Fernandes 39)

São várias as interpretações feitas acerca da obra, desde questões de ordem científica até questões de ordem política ou social, como por exemplo, o Imperialismo e o Colonialismo ou a Teoria da Evolução de Darwin. Desde a sua publicação que esta tem sido uma das obras mais bem sucedidas do autor, tendo sido feitas várias reimpressões da mesma. A sua popularidade também se deve a Orson Welles que, em 1938, adapta o romance à rádio, criando o pânico em algumas cidades dos Estados Unidos, dando azo a um histerismo colectivo, fazendo com que algumas pessoas não compreendessem que se tratava apenas de uma peça de ficção. Este sucesso deve-se em muito às capacidades artísticas de Welles e à forma como adaptou a obra para a rádio que era, obviamente, um dos grandes meios de comunicação da altura¹¹.

A 30 de Outubro de 1938, num programa inserido numa série intitulada *Mercury Theatre on the Air*, em dia de *Halloween*, Orson Welles, através da Columbia Broadcasting System, dirigiu e narrou um episódio que era a adaptação de *The War of the Worlds* de H. G. Wells. A emissão era baseada em boletins informativos o que sugeria a muitos dos ouvintes que, de facto, estava em curso uma invasão Marciana. A notícia abria dando conta de um meteorito que teria aterrado em Grover’s Mill em New Jersey.

Alguns dos ouvintes nem chegaram a ouvir a emissão completa dada a tensão e ansiedade que se sentia (a II Grande Guerra estava a aproximar-se). Os jornais locais davam conta do pânico que a emissão tinha causado, tal como Richard J. Hand refere sobre os estudos feitos por alguns historiadores que calculam que cerca de 6 milhões de pessoas a tenham ouvido, 1,7 milhões acreditou e 1,2 milhões estavam verdadeiramente assustados¹². A acrescentar o argumento só tinha três intervalos no que diz respeito ao lado ficcional da emissão e era um programa sem interrupções publicitárias o que acentuava a faceta realista da emissão da CBS.

Muitos foram aqueles que acorreram ao local onde os Marcianos supostamente tinham aterrado e outros tantos afirmavam ter visto, de facto, luzes brilhantes e objectos voadores que não eram mais do que acontecimentos imaginados. No entanto, alguns destes acontecimentos (aumentando ainda mais o nível de especulação da possibilidade de uma invasão) deveram-se a fenómenos casuais, como, por exemplo, uma zona da cidade que ficou sem luz, deixando mais de mil habitantes às escuras, na mesma altura em que a transmissão de rádio estava a ser feita. O acontecimento foi tão importante que o *New York Times* lhe dedicou a página principal no dia 31 de

¹¹ A adaptação foi feita por Howard Koch, mas com algumas ideias de Orson Welles.

¹² Cf. Hand, Richard J. *Terror on Air!: Horror Radio in America, 1931-1952*. Jefferson, North Carolina: MacFarland Company, 2006.

Outubro de 1938 com o título “Radio Listeners in Panic, Taking War Drama as Fact”¹³

Ora, em 1958, em Portugal, dia 25 de Junho, o locutor de rádio Matos Maia resolve fazer uma “adaptação” da versão radiofónica de Orson Welles, transpondo o universo do argumento para a realidade portuguesa, sendo que New Jersey passa a ser Cascais na Rádio Renascença. A peça de Matos Maia encontra-se publicada num volume intitulado *A Invasão dos Marcianos + 3 «Fantasias» Radiofónicas* datado de 1996 e publicado pela SPA. *A Invasão dos Marcianos* é, no fundo, uma tradução do original com adaptações para a realidade portuguesa. A verosimilhança da emissão deve-se ao empenho com que Matos Maia, inovador para a época, reproduziu os sons que davam “corpo” à invasão dos seres alienígenas, dos ruídos dos disparos à multidão em pânico¹⁴.

Tal como acontecera em *The War of the Worlds* a emissão causou algum pânico, embora não com a repercussão sentida nos E.U.A, dada a dimensão do país, mas não deixou de impressionar como conferem os títulos da imprensa portuguesa: “Um programa que fez alarme” – *Diário de Lisboa*, 1958; “Milhares de pessoas Aterrorizaram-se” – *Diário Popular*, 1958; “Um programa radiofónico perturbou a tranquilidade de muitos lares Portugueses” – *A Voz*, 1958; “Uma emissão radiofónica que causou alarme” – *O Século*, 1958; “Um romance de Ficção Científica, transmitido por uma emissora, provocou o pânico” – *O Primeiro de Janeiro*, 1958; “Brincadeira radiofónica de graves efeitos” – “Jornal de Notícias”, 1958 e, finalmente, “Um Programa radiofónico perturbou a tranquilidade de muitos lares Portugueses e foi interrompido por ordem da Polícia” – *Diário de Notícias*, 1958 em que expressões como “realista” e “pânico” surgem intimamente ligadas, uma vez que, apesar das advertências iniciais sobre o carácter ficcional da emissão, se gerou o pânico. Os telefonemas para a polícia e bombeiros não paravam, tal como nas redacções dos jornais, principalmente a partir do momento em que Vila Nova de Gaia foi bombardeada e se ouviu o duelo de fogo entre a artilharia de terra e a nave sideral. De facto, o inusitado volume de telefonemas, levou a polícia a interromper a emissão às 21.45h (tinha começado às 20.05h), tal como descrito no jornal acima citado:

Dado o pânico que a «invasão» estava a despertar em muitos lares de todo o País – à redacção do «Diário de Notícias» chegaram telefonemas alarmantes, até de vários pontos da província e ao local do «sinistro» chegaram a comparecer bombeiros – a P.S.P. mandou interromper o programa às 21.45. Em vez do cientista que, segundo a rubrica, devia chegar de Londres para enfrentar os acontecimentos, do Governo Civil, a dois passos da emissora, chegou a ordem da Polícia que pôs termo à «invasão» (*Diário de Notícias*, 1958)

A entrada da polícia para interromper o programa valeu a Matos Maia uma ida ao Governo Civil sob escolta policial e à esquadra da polícia onde ficou preso durante três horas sendo levado, uma

¹³ Para a leitura completa da notícia cf. <http://www.war-of-the-worlds.org/Radio/Newspapers/Oct31/NYT.html>

¹⁴ A emissão de rádio está disponível online em www.classicosdaradio.com.

semana depois, à PIDE para interrogatório, dado o pavor que tinha causado através de uma emissora católica como a Rádio Renascença¹⁵. A emissão, contudo, não deixou de ter o efeito pretendido, tal como na versão original foi causado o pânico em virtude do contacto com o “outro”, sendo uma das características essenciais da FC explorar as relações de identidade na alteridade. Mas, existem ainda outros casos, não de índole radiofónica, mas sim literária, que também são reconhecidos como grandes exemplos de ficção científica em Portugal. Embora se possa dizer que em território nacional esta literatura tem poucos leitores e poucos autores, e que não existe propriamente uma tradição literária de ficção científica, não deixa de haver casos que, de alguma forma, devem ser tidos em conta, como iremos ver no último ponto deste artigo.

5. Uma nota de conclusão: o surgimento de FC Portuguesa¹⁶

Dir-se-ia que quase não existe FC a ser produzida na língua nacional, mas isso não iria corresponder à realidade. Embora não se reconheça, como refere Teresa Sousa de Almeida, num artigo intitulado “Science Fiction – The Drawing up of a Territory” (2002), que a FC portuguesa viva uma situação “clandestina”, ignorada pela “instituição literária nacional” e relegada para edições de autor, colecções especializadas e uma ou duas antologias que são muito especiais, ela ainda tem ainda alguma visibilidade e relevância¹⁷. Não será, pois, relativamente fácil delimitar os caminhos da FC escrita em português, isto é, das obras que são realmente de FC e não apenas de autores que fizeram pequenas incursões neste tipo de literatura.

Segundo Jorge Candeias, não é muito difícil traçar um percurso da FC em Portugal porque, primeiro, as obras de pura FC são poucas e, segundo, porque também não foram tantas as obras publicadas. O primeiro texto que pode ser considerado FC chama-se *O que há-de ser o Mundo no Anno Três Mil* de Sebastião José Ribeiro de Sá publicado em 1895 por J. M. Corrêa & T. Quintino Antunes em Lisboa no qual é apresentado uma visão futura do mundo¹⁸. Segue-se *Lisboa no Anno 2000* escrito por Melo de Matos, publicado na *Ilustração Portuguesa* em 1906, apresentando-se como uma mescla de artigo e conto, uma visão futurista da cidade. Existe ainda um romance do ano de 1938 intitulado *A.D. 2230* editado pela Parceria António Maria Pereira e escrito por Amílcar de Mascarenhas. É só já nos anos 60 que surgem mais três livros, *A Ameaça Cósmica* de Luís de

¹⁵ Em “Entrevista exclusiva com Matos Maia para a Clássicos da Rádio”, disponível no site: <http://www.classicosdaradio.com/InvasaoMarcianos.htm>

¹⁶ Aqui é apresentada uma breve história da FC. Como se poderá verificar, não se entra em grandes pormenores, pelo que, para um maior conhecimento da história da FC portuguesa aconselha-se a leitura do artigo de Álvaro de Sousa Holstein “Breve História da Ficção Científica Portuguesa” disponível em: <http://www.scribd.com/doc/26791184/BREVE-HISTORIA-DA-FICCAO-CIENTIFICA-PORTUGUESA>

¹⁷ Uma lista de exemplos é dada no anexo 2.

¹⁸ Este livro é uma versão adaptada ou imitação, destinada aos leitores portugueses, do livro de Émile Souvestre *Le Monde Tel qu'il Sera* publicado em Paris no ano de 1846.

Mesquita editado pela Editora Sampedro em 1962, *Crónicas do Tempo do Cavaleiro Charles e do seu fiel Escudeiro Pompidouze* de Miguel Barbosa em 1968 editado pela Galeria Panorama (uma espécie de novo Quixote) e *A morte da Terra* de S. Alves Morgado que é editado em 1969 pela Sociedade de Expansão Cultural. Pelo meio surge a antologia *Terrestres e Estranhos* (1966), organizada por Lima Rodrigues e Robert Silverberg, da Galeria Panorama, que constitui a primeira tentativa em Portugal de criar um conjunto coeso de autores do mesmo tema, uma vez que muitos dos autores continuaram a produzir dentro da FC. Na década de 70 surge uma das obras mais importantes intitulada *Não lhe faremos a vontade* de Romeu de Melo publicada pela Quadrante em 1970 e que, segundo Álvaro de Sousa Holstein, era “...obra de estudo obrigatório no Curso de Literatura Portuguesa 73/74, ministrado por Timothy Brown e Leo Barrow, na Universidade do Arizona em Tucson...” (Holstein 4) e ainda, nestes anos, surge *O Grande Cidadão* de Vergílio Martinho publicado em 1975 pela Arcádia (um romance com características “orwellianas”). É na década de 80, quando a Editora Caminho cria um espaço para a publicação de FC portuguesa, principalmente através do Prémio Caminho, que começaram a aparecer novos autores e que, de alguma forma, foram dando relevo a este tipo de literatura em Portugal, nomes como João Aniceto, Daniel Tércio, Artur Portela ou Isabel Cristina Pires. Alguns fizeram uma passagem curta na FC, como no caso dos últimos dois nomes ou como João de Mancelos com o seu romance *Veleiros do Tempo Cósmico* (1988) desta feita pela Editorial Vega. De resto, como refere ainda Candeias, nos anos 80 foi-se publicando em alguns jornais. É também nesta altura que surgem algumas *fanzines* onde também aparecem contos de autores portugueses¹⁹.

São os anos 90 que se apresentam como os mais importantes para o futuro da FC em Portugal e em português. Luís Filipe Silva foi o vencedor do Prémio Caminho com a obra *O Futuro à Janela* (1991) e, juntamente com ele e João Aniceto, foram surgindo outros autores que se foram tornando importantes no panorama literário da FC portuguesa: João Botelho da Silva, João Barreiros, entre outros. Esta é uma época importante para o surgimento da FC Portuguesa. Em 1993 (aparecendo primeiramente numa edição de autor em 1983) é publicada por Álvaro de Sousa Holstein e José Manuel Morais a *Bibliografia de Ficção Científica e Fantástica Portuguesa*, editada pela Black Sun Editores, na colecção “The Impossible Papers”²⁰. Parecem estar, assim, reunidas as condições para o aumento de produção e leitura de FC em português. Em 1996 é feito o “1os Encontros na Periferia do Império - Encontro de Ficção Científica e Fantástico” em Cascais no qual se começa a dar mais importância a este tipo de ficção e do qual surge a associação Simetria:

¹⁹ A palavra surge da aglutinação de *fanatic* + *magazine* expressando a publicação de uma revista (*magazine*) pela mão de um fã (*fanatic*). É uma publicação despretensiosa, com alguma qualidade, dependendo do poder económico do editor e que tem especial incidência nas histórias de quadrinhos.

²⁰ É com esta edição da Black Sun que o livro ganha alguma visibilidade.

Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico²¹.

Curiosamente, a partir deste ano a publicação de FC começa a ser menor. Assiste-se a publicações com uma regularidade não definida e a “uma ausência quase total entre os escritores e o seu público” (Candeias 3) e os poucos que existem não são lidos. Regressa-se, de certa forma, a um caminho antes dos anos 80. Para muitos autores a divulgação desta literatura passa pelo espaço da internet onde podem publicar, organizar e difundir antologias, contos, discutir ideias e até traduzir (como forma de internacionalizar) na tentativa de melhorar uma literatura que tanto fala do futuro, mas que parece não ter futuro em Portugal. O problema está nas editoras e no mercado que já não aposta neste registo literário. Para além disso, não há investigação neste tipo de ficção, principalmente no que toca a Portugal. As informações que se podem recolher ou são contraditórias ou não contêm grandes pormenores. Traçar uma história literária da FC portuguesa pode tornar-se difícil não só pelas escolhas na recolha de informação mas também, e principalmente, pela falta de interesse do mercado editorial. Aliás, em nota de conclusão acerca deste ponto, reproduzimos a opinião de Luís Filipe Silva que aponta nesse sentido em “O Original ou a Sua Ausência, na FC Portuguesa, Face a Outros Países” (2004):

O problema da FC portuguesa é precisamente o carácter errático: as colecções são de má qualidade, e não percebem, não enquadram, o que publicam. Sem informação, não há crescimento sustentado. Não tivemos movimentos literários dignos de nome, não tivemos outros movimentos a contestar os primeiros. A arte é um discurso feito de manifestações, e em Portugal, em FC [...] o discurso não existe, está quebrado em variadas e pequeninas conversas (Silva 4)

Em suma, após as várias pesquisas elaboradas, podemos afirmar que, apesar de tudo, existe afinal uma produção considerável sobre uma forma que constrói principalmente mundos, mas mundos possíveis, em alguns casos actuais, mundos para a humanidade do futuro. As possibilidades que ela apresenta são muitas. De difícil definição, a FC não se abriga apenas sob uma única capa teórica, mas sim várias, dada a sua transversalidade. No presente contributo a viagem foi feita com esse propósito: descobrir os mundos que a FC ocupa em Portugal e para os portugueses. Apesar de, como foi anteriormente verificado, não haver uma grande tradição desta forma literária em Portugal não se pode afirmar que ela seja completamente inexistente, pois foi trabalhada e desenvolvida, não só pelos tradutores que aproximavam as obras dos leitores nacionais, como pela imprensa escrita (embora de forma mais reduzida – o caso do suplemento “Artes & Letras”) ou pela rádio. O que se pode afirmar neste caso é que, embora reduzida, a sua existência marcou e marca aqueles que se interessam por ela. A FC manteve, assim, uma das suas grandes características, mas que também

²¹ Será importante referir um outro encontro que se torna importante, uma vez que parece ser o ponto de aproximação entre a academia e a FC. Falo do 1º Encontro Literário de Fantasia e Ficção Científica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em Maio de 2004.

pode ser considerada um dos seus grandes defeitos: a marginalidade inerente. Foi nessa marginalidade que ela se desenvolveu, o que, no entanto, não a impediu de progredir enquanto literatura de interrogação da condição humana e não só.

Assim sendo, este artigo espera ser apenas uma pequena contribuição para um estudo mais alargado. Ciente de que este é apenas um estudo reduzido do muito que ainda há para explorar e da vasta investigação a fazer nesta área, espera-se que outros aceitem este projecto e que, com capacidade visionária, possam aventurar-se na pesquisa dos vastos mundos que a FC pode oferecer.

Bibliografia:

- Alloway, Gene. “Mars in the Mind of Earth”
<http://www.personal.engin.umich.edu/~cerebus/mars/folks.html> (Consultado a 12 de Fevereiro de 2009), 1998.
- Almeida, Teresa Sousa de, “Science fiction in Portugal. The Drawing up of a Territory” (Foreword), in *Frontiers, On the Edge of the Empire*, Cascais, Simetria, 9-24, 2002.
- Candeias, Jorge. “FC Portuguesa — Literatura Filha de Pais Incógnitos” in *E-nigma: Revista de Ficção Fantástico e Ficção Científica*. 1-2. (<http://e-nigma.com.pt/artigos/fcportuguesa.html> - consultado em 10 de Março de 2009), 2005.
- Fernandes, Joaquim. “Entre Wells e Welles com Marte pelo meio” in *Literatura, Cinema e Outras Artes – Homenagem a Ernest Hemingway e Manoel de Oliveira*. Congresso Internacional de 31 de Maio, 1 e 2 de Julho de 1999 na Universidade Fernando Pessoa, 1999.
- Filho, Manuel Portela. “A inevitabilidade da ficção científica a propósito de “A Nuvem Negra” de Fred Hoyle”. in “Suplemento Artes & Letras”, *Diário de Notícias*, 1964.
- Grilo, Joaquim Monteiro. Aldous Huxley: some aspects of his novels. Dissertação da licenciatura em filologia germânica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1994.
- Hand, Richard J. *Terror on the Air!: Horror Radio in America, 1931-1952*. Jefferson, North Carolina: Macfarlane & Company, 2006.
- Holstein, Álvaro de Sousa. “*Inconsequências na periferia do Império Non-events on the edge of the Empire / los Encontros de Ficção Científica e Fantástico*”; org. Câmara Municipal de Cascais; coord. André Vilares Morgado ;pref. José Jorge Letria in www.geocities.com/Heartland/Hills/1008/fc/aholstein1.htm (Consultado a 20 de Fevereiro de 2009)
- James, Edward. *Science Fiction in the 20th Century*. New York: OUP, 1994.
- Juncal, Miguel Valverde. “O Futuro à Janela: Estudo da Obra e da Ficção Científica Portuguesa Actual” in *TecnoFantasia*: <http://www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi/03/00/T1116899737> (Consultado a 12 de Fevereiro de 2009), 2005.
- Leiria, Mário Henrique. “Ficção Científica uma literatura do futuro” in “Suplemento Artes & Letras”. *Diário de Notícias*. 15, 1961.
- Levitt, Norman. *Prometheus Bedeviled Science and the Contradictions of Contemporary Culture*. New Jersey: Rutgers University Press, 1999.
- Luckhurst, Roger. *Science Fiction*. Cambridge: Polity Press, 2005.

- Maia, Matos. *A Invasão dos Marcianos + 3 Peças Radiofónicas*. Lisboa : Soc. Portuguesa de Autores : Dom Quixote; pref. João David Nunes, 1996.
- Melo, Romeu de, “Um Adeus a Huxley” in “Suplemento Artes & Letras”. *Diário de Notícias*, 1963.
- Meneses, Maria de La Salette Almeida e, H. G. Wells, percusor da ficção científica. Coimbra: Edição de Autor, 1960.
- Morais, José Manuel e Álvaro Sousa Holstein. *Bibliografia da Ficção Científica e Fantasia Portuguesa*. Lisboa: Black Sun Editores, [1983] (1993).
- Morgado, André Vilares (coord.). *Inconsequências na periferia do Império Non-events on the edge of the Empire / 1os Encontros de Ficção Científica e Fantástico*; org. Câmara Municipal de Cascais ;pref. José Jorge Letria, 1996.
- Mota, José Manuel. “News from Nowhere: Portuguese Dialogues with H. G. Wells” in John S. Partington & Patrick Parrinder (eds). *The Reception of H. G. Wells in Europe*. London: Continuum, 2005.
- Palla, Victor. *O que é a Ficção Científica?: Uma Antologia*. Coimbra: Atântida, 1959.
- Ramalho, Ênio. *Aldous Huxley: o intelectual perante os homens e a vida*. Coimbra: Coimbra Edições, 1942.
- Russel, Bertrand. *The Impcat of Science on Society*. London: Routledge, [1952] (1994).
- Silva, Luís Filipe. “A (Quase) Difícil Arte de Ser Português” in *TecnoFantasia*: <http://www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi/03/00/T1079202095> (Consultado a 12 de Fevereiro de 2009), 2004.
- “O Original, ou Sua Ausência, na FC Portuguesa, Face a Outros Países” in *TecnoFantasia*: <http://www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi/03/00/T1079201834> (Consultado a 12 de Fevereiro de 2009), 2004.
- Shippey, Tom. *The SF Book of Lists*. Malcolm Edwards & Maxim Jakubowski (Eds). New York: Berkeley, 1982.
- Sousa, Eduarda. “O Grande Sono da Ficção Científica” in *Ípsilon – Suplemento Literário do Jornal Público*, 2008.
- Stabelford, Brian. *Opening Minds: Essays on Fantastic Literature*. U.S.A: I. O. Evans Studies in the Philosophy & Criticism of Literature, 15-23, [1974] 1995.
- . “William Wilson’s Prospectus for Science Fiction: 1851”, *Foundation*, 10, 6-12, 1976.

Sites Consultados:

- http://en.wikipedia.org/wiki/The_War_of_the_Worlds (Consultado a 14 de Janeiro de 2009)
- [http://en.wikipedia.org/wiki/The_War_of_the_Worlds_\(radio\)](http://en.wikipedia.org/wiki/The_War_of_the_Worlds_(radio)) (Consultado a 14 de Janeiro de 2009)
- <http://www.magicdragon.com/UltimateSF/SF-Index.html> (Consultado a 16 de Janeiro de 2009)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Colecção_Argonauta#Autores_mais_publicados (Consultado a 12 de Fevereiro de 2009)

<http://www.magicdragon.com/UltimateSF/SF-Index.html> (Consultado a 16 de Fevereiro de 2009)

<http://www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi> (Consultado a 15 de Fevereiro de 2009)

http://en.wikipedia.org/wiki/Science_fiction (Consultado a 15 de Fevereiro de 2009)

<http://ficcao.com.pt/enciclopedia/morais-jm.php> (Base de dados sobre FC & Fantasia em Portugal – consultada a 17 de Fevereiro de 2009)

http://en.wikipedia.org/wiki/Fred_Hoyle (Consultado a 18 de Fevereiro de 2009)

“Radio Listeners in Panic, Taking War Drama as Fact”. (Outubro de 1938) in *NY Times* online: <http://www.war-of-the-worlds.org/Radio/Newspapers/Oct31/NYT.html> (Consultado a 10 de Março de 2009)

<http://e-nigma.com.pt/artigos/fcportuguesa.html> (Consultado a 10 de Março de 2009)

<http://www.encontroliterario.web.pt/> (Consultado a 10 de Março de 2009)

<http://blog.simetria.org/category/home/> (Consultado a 10 de Março de 2009)

<http://www.geocities.com/carlosdeportugal/> (Consultado a 12 de Março de 2009)

<http://www.editorial-caminho.pt> (Consultado a 12 de Abril de 2009)

<http://www.europa-america.pt/> (Consultado a 12 de Abril de 2009)

<http://www.classicosdaradio.com/> (Consultado a 12 de Junho de 2009)

http://en.wikipedia.org/wiki/Science_fiction (Consultado a 13 de Junho de 2009)

ANEXOS

Anexo 1

Europa América
1 - <i>Batalha no Espaço</i> – (<i>The Saga Of A Star World</i>) - Larson, Glen A. & Thurston, Robert (1978)
2 - <i>Os Três Estigmas de Palmer Eldritch</i> (<i>The three stigmata de Palmer Eldritch</i>) - Dick, Philip K. (1981)
3 – <i>E.T. – O Extraterrestre</i> – (<i>E.T. the Extra-Terrestrial</i>) - Kotzwinkle, William (1982)
4 - <i>Fim do mundo</i> – (<i>World's end</i>) - Vinge, Joan D. (1985)
5 - <i>O Fim da Eternidade</i> – (<i>The End of Eternity</i>) – Asimov, Isaac (1987)

Livros do Brasil
1. <i>A Nuvem Negra</i> – (<i>The Black Cloud</i>) – Hoyle, Fred (1964)
2. <i>As Máquinas da Alegria</i> (<i>The Machineries of Joy</i>) – Colectânea (1965)
3. <i>O Mundo dos Túmulos</i> - (<i>Cemetery World</i>) – Simak, Clifford D. (1974)
4. <i>A Nave Sideral</i> , por Murray Leinster
5. <i>Fahrenheit 451</i> (<i>Fahrenheit 451</i>) – Bradbury, Ray (1999)

Editorial Caminho
1 - <i>As crisálidas</i> (<i>The chrysalids</i>) - Wyndham, John (1985)
2 - <i>À Beira do Fim</i> – (<i>Make Room! Make Room!</i>) – Harrison, Harry (1986)
3 - <i>A Afirmação</i> - (<i>The Affirmation</i>) – Priest, Christopher (1990)
4 - <i>Jacintos-de-água</i> (<i>Hyacinths</i>) - Yarbrow, Chelsea Quinn
5 - <i>O Mundo Perdido no Fundo do Mar</i> – <i>The Maracot Deep</i> (<i>The Lost World Under the Sea</i>) – Doyle, Conan (1992)

Anexo 2

Alguns autores de FC Portuguesa	
O Princípio	
<i>O que Há de ser o Mundo no Anno Três Mil</i> - Sebastião José Ribeiro de Sá, 1895. Publicado por J. M. Corrêa & T. Quintino Antunes, Lisboa.	
<i>Lisboa no Anno 2000</i> – Melo de Matos, 1906. Publicado na <i>Ilustração Portuguesa</i> em 1906	
<i>A. D. 2230</i> – Amílcar de Mascarenhas, 1938. Publicado pela Editora Parceria António Maria Pereira	
Anos 60	
<i>A Ameaça Cósmica</i> – Luís de Mesquita, 1962. Publicado pela Editora Sampedro.	
<i>Terrestres e Estranhos</i> – Organizada por Lima Rodrigues e por Robert Silverberg, 1966. Editado pela Galeria Panorama	
<i>Crónicas do Tempo do Cavaleiro Charles e do seu fiel Escudeiro Pompidouze</i> - Miguel Barbosa, 1968. Publicado pela Galeria Panorama	
<i>A Morte da Terra</i> – S. Alves Morgado, 1969. Publicado pela Sociedade de Expansão Cultural	
Anos 70	
<i>Não lhe faremos a vontade</i> - Romeu de Melo, 1970. Publicado pela Quadrante.	
<i>O Grande Cidadão</i> - Vergílio Martinho, 1975. Publicado pela Arcádia	
Anos 80	
<i>Os Caminhos Nunca Acabam</i> – João Aniceto, 1983. Editado pela Editorial Caminho	
<i>Veleiros do Tempo Cósmico</i> – João de Mancelos, 1988. Editado pela Editora Veja	
Anos 90	
<i>O Futuro à Janela</i> – Luís Filipe Silva, 1991. Publicado pela Editorial Caminho	
<i>O Limite de Rudzky</i> – António de Macedo, 1993. Publicado pela Editorial Caminho	
<i>O Demónio de Maxwel</i> – Daniel Tércio, 1993. Publicado pela Editorial Caminho	
<i>Beduínos a gásóleo</i> – João Botelho da Silva, 1993. Publicado pela Editorial Caminho	